



Conjunto habitacional Jardim Redentor em Bauru, um possível exemplo de Cluster.

Gabriel Henrique Oscalices

Mestrando, UNESP, Brasil

Gabriel.oscalices@unesp.br

ORCID iD 0009-0004-1700-0901

Nilson Ghirardello

Professor Doutor, UNESP, Brasil

nilson.ghirardello@unesp.br

ORCID iD 0000-0002-9347-4795



Conjunto habitacional Jardim Redentor em Bauru, um possível exemplo de Cluster

Objetivo – Analisar o desenho urbano do Jardim Redentor I, primeiro conjunto habitacional da COHAB Bauru, identificando sua possível relação com o conceito de *cluster city* desenvolvido por Alison e Peter Smithson e avaliando sua singularidade no contexto brasileiro da década de 1960.

Metodologia – A pesquisa adota uma abordagem de morfologia urbana, combinando análise documental, revisão bibliográfica e observação *in loco* para identificar elementos de identidade, padrão de associação, crescimento, mobilidade e cluster no conjunto.

Originalidade/relevância – O estudo insere-se no *gap* teórico sobre a aplicação de conceitos pós-modernos em habitações populares no Brasil ainda durante a hegemonia modernista, revelando a possibilidade de influência de ideias vanguardistas em cidades médias do interior paulista.

Resultados – O Jardim Redentor I apresenta configuração urbana inovadora e experimental, priorizando espaços públicos e a interação comunitária, em contraste com os modelos funcionais e economicistas predominantes à época.

Contribuições teóricas/metodológicas – O estudo avança na compreensão sobre a adaptação de princípios de *cluster city* em contextos habitacionais brasileiros, sugerindo novas perspectivas para a análise de conjuntos projetados no período.

Contribuições sociais e ambientais – Destaca a relevância de estratégias projetuais que favorecem a coesão social, o senso de pertencimento e o uso qualificado do espaço público, contribuindo para a construção de ambientes urbanos mais inclusivos e sustentáveis.

PALAVRAS-CHAVE: Habitação Social. Morfologia Urbana. Cluster.

Housing Complex Jardim Redentor in Bauru, a Possible Example of Cluster

Objective – To analyze the urban design of Jardim Redentor I, the first housing complex built by COHAB Bauru, identifying its possible relationship with the *cluster city* concept developed by Alison and Peter Smithson, and assessing its uniqueness within the Brazilian context of the 1960s.

Methodology – The research adopts an urban morphology approach, combining documentary analysis, literature review, and on-site observation to identify elements of identity, association patterns, growth, mobility, and clusters in the complex.

Originality/relevance – The study addresses the theoretical gap regarding the application of postmodern concepts in social housing in Brazil during the hegemony of modernism, revealing the possible influence of avant-garde ideas in medium-sized cities in the interior of São Paulo state.

Results – Jardim Redentor I presents an innovative and experimental urban configuration, prioritizing public spaces and community interaction, in contrast to the functional and economically driven models predominant at the time.

Theoretical/methodological contributions – The study advances the understanding of the adaptation of *cluster city* principles in Brazilian housing contexts, suggesting new perspectives for the analysis of complexes designed in that period.

Social and environmental contributions – The study highlights the relevance of design strategies that foster social cohesion, a sense of belonging, and the qualified use of public spaces, contributing to the construction of more inclusive and sustainable urban environments.

KEYWORDS: Social Housing. Urban Morphology. Cluster.



Conjunto Habitacional Jardim Redentor em Bauru, um Posible Ejemplo de Cluster

Objetivo – Analizar el diseño urbano del Jardim Redentor I, primer conjunto habitacional construido por COHAB Bauru, identificando su posible relación con el concepto de *cluster city* desarrollado por Alison y Peter Smithson y evaluando su singularidad en el contexto brasileño de la década de 1960.

Metodología – La investigación adopta un enfoque de morfología urbana, combinando análisis documental, revisión bibliográfica y observación *in situ* para identificar elementos de identidad, patrones de asociación, crecimiento, movilidad y *clusters* en el conjunto.

Originalidad/relevancia – El estudio se inserta en el vacío teórico sobre la aplicación de conceptos posmodernos en viviendas sociales en Brasil durante la hegemonía modernista, revelando la posible influencia de ideas de vanguardia en ciudades medias del interior paulista.

Resultados – El Jardim Redentor I presenta una configuración urbana innovadora y experimental, priorizando los espacios públicos y la interacción comunitaria, en contraste con los modelos funcionales y economicistas predominantes en la época.

Contribuciones teóricas/metodológicas – El estudio avanza en la comprensión sobre la adaptación de los principios de *cluster city* en contextos habitacionales brasileños, sugiriendo nuevas perspectivas para el análisis de conjuntos proyectados en el período.

Contribuciones sociales y ambientales – Se destaca la relevancia de estrategias proyectuales que favorecen la cohesión social, el sentido de pertenencia y el uso calificado del espacio público, contribuyendo a la construcción de entornos urbanos más inclusivos y sostenibles.

PALABRAS CLAVE: Vivienda Social. Morfología Urbana. Cluster.



1 INTRODUÇÃO

A Companhia de Habitação Popular (COHAB) destacou-se como uma das instituições de maior relevância nacional no campo da habitação social, sendo a COHAB Bauru a mais relevante na região central do estado de São Paulo. Constituída como empresa de capital misto, com participação acionária tanto do poder público quanto de investidores privados, fundada em 1966, durante o regime militar brasileiro, com a finalidade de mitigar o déficit habitacional no município de Bauru.

O primeiro conjunto habitacional sob sua gestão foi o Jardim Redentor I, inaugurado em 1968. O projeto apresentou singularidades que o distanciaram das diretrizes modernistas predominantes no cenário arquitetônico nacional da época. Em virtude da escassez documental, a autoria permanece indefinida. Contudo, este estudo propõe a hipótese de que o conjunto tenha sido concebido sob influência de princípios pós-modernistas, notadamente inspirados no trabalho do casal Alison e Peter Smithson. Tal abordagem conferiria ao empreendimento um caráter inovador, antecipando conceitos que nem tomaram força no país.

Partindo dessa hipótese, torna-se pertinente questionar na pesquisa em andamento, no mestrado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAAC/UNESP, as razões pelas quais tal modelo não foi adotado em empreendimentos subsequentes da COHAB Bauru. Essa singularidade poderia representar tanto um episódio isolado de inventividade arquitetônica, fruto de um autor cuja contribuição permaneceu anônima, quanto uma experiência piloto promovida pela própria companhia, com o intuito de avaliar comparativamente diferentes tipologias habitacionais e seus respectivos custos e benefícios, em consonância com o pensamento urbanístico e econômico vigente à época.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAIS

Compreender e analisar o desenho urbano do Jardim Redentor I, primeiro conjunto habitacional da COHAB Bauru, de modo a identificar sua possível relação com o conceito de *cluster city* desenvolvido por Alison e Peter Smithson, bem como avaliar sua originalidade e relevância no contexto das habitações populares brasileiras da década de 1960.

2.2 OBJETIVO ESPECIFICOS

1. Investigar o processo histórico de concepção e implantação do Jardim Redentor I;
2. Identificar, por meio da morfologia urbana, elementos de identidade, associação, crescimento, mobilidade e cluster presentes no projeto;
3. Comparar o Jardim Redentor I aos princípios do conceito de *cluster city*, destacando convergências;
4. Evidenciar aspectos inovadores do conjunto em contraste com modelos funcionalistas e economicistas da época;
5. Avaliar implicações sociais das soluções urbanísticas adotadas, com foco em espaços públicos, interação comunitária e senso de pertencimento;



6. Contribuir para o debate teórico sobre influências pós-modernas em habitações populares no Brasil durante a hegemonia modernistas.

3 METODOLOGIA

O principal desafio específico desta pesquisa reside na definição da morfologia urbana e na compreensão das ideias que orientaram o projeto, considerando-se a ausência de informações sobre a autoria do Jardim Redentor I. Para tanto, adotou-se uma abordagem metodológica baseada em pesquisa analítica e interpretativa, estruturada em três eixos.

O primeiro eixo corresponde ao levantamento bibliográfico, realizado a partir de autores de referência. Destacam-se, nesse contexto, Peter e Alison Smithson, formuladores do conceito de *cluster city*, e Josep Maria Montaner, cujas análises abrangem amplamente as manifestações arquitetônicas posteriores ao Movimento Moderno.

O segundo eixo consistiu na pesquisa de campo junto à Companhia de Habitação Popular de Bauru (COHAB), com o objetivo de examinar projetos e documentos originais. Essa etapa possibilitou a coleta aprofundada de dados e a identificação de relações, padrões e significados nos empreendimentos urbanos da companhia no município.

O terceiro eixo envolveu visitas in loco ao próprio conjunto habitacional, a fim de observar os vestígios de sua concepção original, passados 57 anos desde a entrega. Complementarmente, foram elaborados diagramas destinados a representar de forma sintética conceitos complexos discutidos pelos autores citados, facilitando sua compreensão e análise comparativa.

4 RESULTADOS

4.1 Contexto Brasil e Bauru

O Brasil, naquele período, vivia sob o regime da ditadura civil-militar, contexto que se associava a uma forte presença da arquitetura moderna, representada de forma emblemática pela nova capital, Brasília. Seu Plano Piloto, concebido por Lúcio Costa, revela influências diretas da Carta de Atenas, especialmente na adoção do modelo de monofuncionalidade.

Nesse cenário, observou-se a consolidação e a difusão da arquitetura moderna em diversos conjuntos habitacionais, como o Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho), entre outros, todos alinhados à proposta modernista de cidade monofuncional e à estrutura sequencial *de habitar, trabalhar, recriar e circular*.

Segundo Banham (2003), a Carta de Atenas baseava-se em princípios de generalização, aplicabilidade universal e zoneamento funcional rígido, elementos que, segundo o autor, comprometeram os primeiros Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM).

Montaner (2001) aponta que, nesse período histórico, arquitetos como Reyner Banham, Peter e Alison Smithson, Eduardo Paolozzi e outros uniram-se, nos anos 1950, em torno de um interesse comum pelo expressionismo abstrato norte-americano de Jackson Pollock, pela *art brut* de Jean Dubuffet e pela pureza estrutural de Mies van der Rohe. Dessa convergência surgiu o grupo que viria a se consolidar como *Team 10*, coletivo vanguardista que se opôs às lógicas dos CIAM anteriores.

Segundo Mumford (2002), a consolidação do grupo ocorreu no CIAM IX, ocasião em que o painel *Urban Re-identification*, apresentado pelos Smithson, expôs a inadequação das quatro funções urbanas do Modernismo por não contemplarem as particularidades da vida cotidiana. Tal posicionamento foi amplamente interpretado como uma crítica direta aos fundamentos modernismo.

Figura 1 - Painel Urban Re-Identification CIAM 9



Fonte: Dissertação de mestrado Mariana Souza Pires de Amorim (2008).

Nesse período, iniciou-se um movimento de afastamento das ideias modernistas que, por décadas, haviam predominado na arquitetura e no urbanismo. Contudo, no Brasil, o modernismo vivia o seu auge, consolidado por projetos emblemáticos, como Brasília, e por diversos outros empreendimentos que reafirmavam seus princípios, conforme citado anteriormente.

No entanto, no interior do Estado de São Paulo, a cidade de Bauru apresentou uma exceção notável. A recém-criada Companhia de Habitação Popular de Bauru (COHAB Bauru), seguiu uma trajetória distinta. Seu primeiro conjunto habitacional, o Jardim Redentor I, destoava visivelmente do repertório arquitetônico dominante à época. Não se sabe ao certo se tal direcionamento se deveu a uma iniciativa própria da companhia ou à atuação de um projetista alinhado às vertentes arquitetônicas europeias pós-modernas.

Sob a ótica morfológica, o projeto foi implantado em uma gleba com dimensões aproximadas de 498 metros por 313 metros, totalizando uma área de 155.874 m². O conjunto é composto por 23 quadras de configuração predominantemente retangular que circundam cinco praças que se tornam espaços de convivência, além de áreas destinados a comércio e institucional para se instalar escola e clínicas. Desse total, cerca de 81.360 m² foram destinados a lotes residenciais, o que corresponde a aproximadamente 52,2% da área total do empreendimento (Tabela 01).

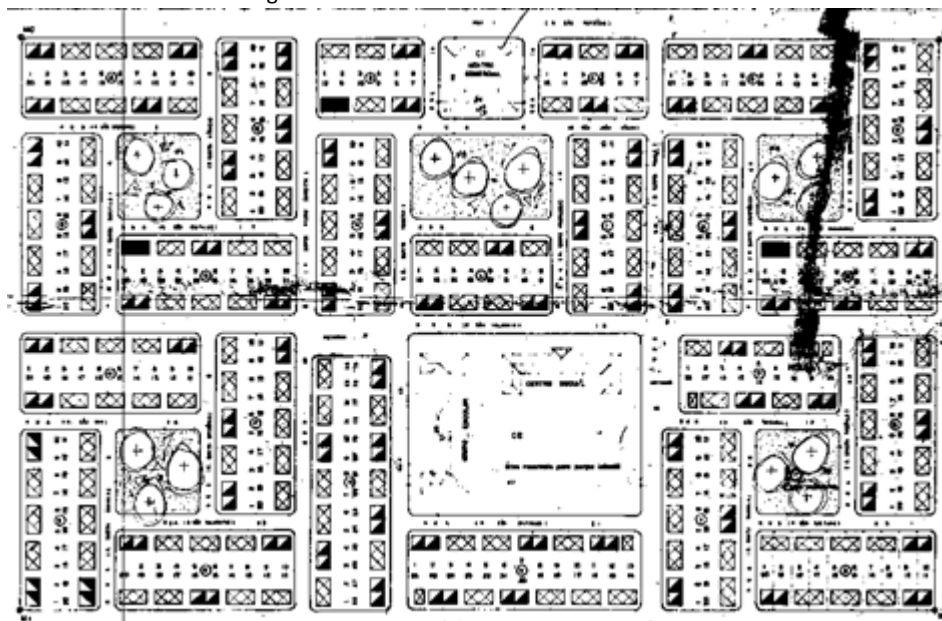
Quadro 1 - Quadras do Jardim Redentor I

Quantidade de Quadras	Medidas	Número de Lotes	Área Total
17	90m x 40m	20	3600m ²
1	117m x 40m	26	4680m ²
1	126m x 40m	28	5040m ²
2	54m x 40m	12	2160m ²
1	81m x 40m,	18	3240m ²
1	72m x 40m	16	2880m ²

Fonte: (Elaborado pelo autor, 2025)

Esse dado sustenta a hipótese de que a COHAB Bauru poderia estar explorando um modelo experimental de planejamento urbano, alinhado às diretrizes debatidas no Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM X), organizado pelo grupo Team 10, em 1956. No entanto é plausível supor que o próprio autor (ou mesmo autores), do projeto estivesse sintonizado com essas novas abordagens urbanísticas e, por meio de sua argumentação, tenha convencido os diretores e acionistas de que, mesmo com a redução do número de lotes comercializáveis, a adoção de um desenho urbano mais inovador poderia gerar benefícios estratégicos a longo prazo.

Figura 2 – Planta Urbanismo Jardim Redentor 1



Fonte: Acervo pessoal do autor, retirado da empresa COHAB Bauru, 2025.

Entre as hipóteses formuladas, ainda a serem comprovadas, destaca-se a possibilidade do projeto urbano do Jardim Redentor, devido suas características tão particulares, ter sido influenciado pelo pós-brutalismo britânico, em especial pelas concepções de Alison e Peter Smithson, críticos do modelo funcionalista da Carta de Atenas. Observa-se, nesse conjunto, uma aproximação conceitual com os cinco princípios apresentados no livro *Urban Structuring*, publicado pelos Smithson em 1967, cuja síntese resulta no conceito de *cluster city*.



4.2 CONCEITO DE CLUSTER SEGUNDO O CASAL SMITHSON

Conforme exposto por William J. R. Curtis (2008) em *Arquitetura Moderna desde 1900*, as quatro funções básicas definidas pela Carta de Atenas (habitar, trabalhar, recrear e circular) eram para Alison e Peter Smithson, excessivamente simplistas e mecânicas. Os arquitetos buscavam propostas mais substanciais, capazes de responder de forma mais sensível às necessidades humanas. Peter Eisenman (1972) observa que os Smithsons desenvolveram ideias com potencial para transformar não apenas edifícios, mas também grandes complexos urbanos.

Em *An Urban Project* (1953), o casal apresenta uma crítica ao urbanismo inglês baseado no racionalismo extremo herdado do passado industrial e ao conceito de Unidade de Habitação de Le Corbusier. Segundo eles, esse modelo não previa espaços projetados para promover interações interpessoais, o que resultava em isolamento entre comunidades. No mesmo texto, tratam a rua como elemento fundamental para estreitar vínculos e consolidar a identidade comunitária, algo evidenciado nos bairros suburbanos britânicos, onde, no contexto do pós-guerra, crianças brincavam e realizavam atividades cotidianas nas vias públicas (Figura 1).

Para Alison e Peter Smithson (1970), viver em alta densidade populacional não implicava, necessariamente, baixa qualidade de vida. Sua concepção urbana se afastava de abordagens puramente mecânicas e funcionais, defendendo, ao contrário, soluções que estimulassem o contato humano e fortalecessem vínculos identitários entre as pessoas e o lugar. Em 1967, o casal publicou *Urban Structuring*, obra que, segundo Montaner (2001), constitui um compilado organizado das novas possibilidades e explicações que emergiram nas reuniões do *Team 10* para intervenções urbanas.

O livro apresenta cinco conceitos urbanos centrais: *padrões de associação*, *identidade*, *crescimento*, *mobilidade* e *cluster*, concebidos para superar as limitações do urbanismo racionalista tradicional. O conceito mais representativo é o de *cluster*, já que é o que mais se aproxima à ideia de estrutura formal. É dificilmente traduzível e é assimilável à ideia morfológica de cacho. (Montaner, p.75, 2001). A crítica subjacente a todos esses conceitos reside na necessidade de formular modos de habitar específicos para cada contexto, baseados em modelos flexíveis e sistematizados.

A palavra *cluster*, significando um padrão específico de associação, foi introduzido, para substituir grupos de conceitos tais como: casa, rua, bairro, cidade (subdivisões de comunidades) ou “isolado, vila, pequena cidade, grande cidade” (entidades de grupo) que são muito carregadas de conotações históricas. Qualquer ajuntamento é *cluster*: *cluster* foi o termo usado para substituir a palavra *casa* durante o processo de criação de novos tipos.

Certos estudos subestimaram a natureza do *cluster*. A intenção dos nossos estudos em que as “condicionantes” foram totalmente criadas e não reais, foi mostrar, levando em considerações as formas de construção existentes, que uma nova visão urbanística era possível. Em outras palavras, a intenção foi apresentar uma imagem. Uma nova estética foi proposta assim como um novo modo de vida.

(Smithson A., Smithson P., p.33, 1968)

O conceito de *padrões de associação* tem origem na noção de “rua”, não apenas como um espaço físico, mas como um espaço coletivo compartilhado por diversas residências. Trata-se de um ambiente que vai além do simples papel de acesso, constituindo-se como local de múltiplas atividades cotidianas: crianças brincando, conversas entre vizinhos, circulação de pedestres, comércio local, entre outras práticas. Esse espaço favorece a formação de uma



comunidade, a qual, por sua vez, constrói uma identidade própria em um processo contínuo de transformação social. A ausência desse tipo de espaço comum tende a enfraquecer ou até eliminar os vínculos sociais.

As ruas, portanto, são elementos estruturadores de vínculos entre indivíduos, gerando comunidades próprias. Dentro desse padrão de associação, a *casa* representa a porção finita do espaço, reconhecida como unidade privada e núcleo familiar, associada à segurança e aos princípios fundamentais que definem o conceito de lar. Em contrapartida, a rua constitui a porção infinita dessa relação, um espaço aberto a possibilidades. Assim, o agrupamento de casas ao longo de uma rua dá origem a uma comunidade. Ainda que este conceito pertença mais ao campo das ideias do que ao plano estritamente físico, ele permanece identificável a partir da percepção, ou seja cada segmento dessa comunidade é uma unidade perceptível.

Uma *unidade perceptível* não equivale a uma “vizinhança” no sentido estrito, mas a uma parcela de aglomeração humana que pode ser “*sentida*” e que, segundo Alison e Peter Smithson (1968), cada comunidade deve apresentar singularidade em cada contexto. A partir disso, estabelece-se uma hierarquia conceitual: casa, rua, bairro e cidade. Tais elementos não são apenas entidades físicas, mas sobretudo construções ideais.

Um exemplo ilustrativo seria o de um indivíduo que inicia um pequeno comércio em sua residência, voltado para atender os moradores da sua rua. Com o tempo, o negócio cresce e passa a atender todo o bairro. Posteriormente, amplia-se para alcançar outros bairros, integrando-se ao conjunto da cidade. Este comércio agora é uma unidade perceptível que faz parte do todo associado a cidade, ele não deixou de pertencer aquela mesma rua, ou aquele mesmo bairro, ele simplesmente toma sua escala e acaba por abranger outras comunidades, que não possuem nenhuma relação ou associação vinculada a sua comunidade.

O conceito de *identidade* relaciona-se diretamente à hierarquia dos elementos associados. As atividades cotidianas são o que consolidam a identidade de cada espaço. Em estudo sobre o livro *Urban Structuring de Peter e Alison Smithson*, John Lewis (1987) destaca que os Smithsons enfatizam a importância da identificação entre o indivíduo e seu entorno.

Os conceitos de *crescimento* e *mobilidade* complementam *associação* e *identidade*, na medida em que compreendem a sociedade como um organismo em constante movimento e transformação. A visão dos Smithsons de comunidade formada por laços interpessoais se projeta na escala urbana por meio da expansão de ruas e bairros em sistemas mais flexíveis, capazes de responder às mudanças sociais ao longo do tempo.

A mobilidade, nesse contexto, pressupõe que os agrupamentos urbanos permitam o trânsito do indivíduo entre diferentes partes do todo, estabelecendo limites mais permeáveis em si próprio. Nenhuma comunidade com coesão social pode se consolidar se não houver mobilidade, ainda que os grupos sociais, em determinadas circunstâncias, possam transpor barreiras geográficas por meio de redes de comunicação (Diagrama 1).



ASSOCIAÇÃO	IDENTIDADE	CRESCIMENTO	MOBILIDADE	CLUSTER
				
				
Unidades perceptíveis, que fazem parte de um todo associado.	Rua como formador de identidade e local da atividade cotidiana.	Sistemas mais livres, são mais capazes de mudanças em escalas com o passar do tempo.	Frouxidão dos limites do agrupamento.	Junção do todo.

Fonte: Elaborado pelo autor com auxílio do Chatgpt baseado no painel Urban Re-Identification preparado pelos Smithson para o 9º Congresso do CIAM em Aix-en-Provence em 1953 (2025).

Dentro dessa perspectiva, o principal desafio identificado por Alison e Peter Smithson consistiu em estabelecer um padrão de associação capaz de gerar identidade entre os indivíduos em uma sociedade pós-moderna caracterizada pela mobilidade. Tal objetivo deveria ser alcançado por meio da articulação de pequenas e grandes *unidades perceptíveis*, que, integradas, formassem comunidades em diferentes escalas: desde a microescala de uma rua com 40 a 50 residências, passando pelo bairro, até atingir a totalidade da cidade.

Para atender a essa demanda conceitual, os Smithson formularam a proposta de “*cluster city*”, entendida como a síntese de todos os conceitos anteriormente apresentados, reunidos sob a noção central de *cluster*. Trata-se de uma nova abordagem de planejamento urbano, concebida para responder de forma mais orgânica às dinâmicas sociais e espaciais. É plausível supor que uma versão simplificada desse conceito tenha sido aplicada no conjunto habitacional Jardim Redentor I, em Bauru.

4.3 COMPARAÇÃO DO MODELO CLUSTER E O JARDIM REDENTOR I

O Conjunto Habitacional Jardim Redentor I, executado pela Companhia de Habitação Popular de Bauru (COHAB Bauru) e entregue em 1968, apresenta uma morfologia urbana que contrasta de forma marcante com as tipologias habitacionais predominantes no Brasil naquele período. É relevante destacar que, nesse momento histórico, o município de Bauru passava por um processo acelerado de expansão urbana e crescimento populacional. De acordo com Ghirardello (2020), a população local passou de aproximadamente 33 mil habitantes em 1940 para cerca de 115 mil em 1967, que evidencia uma pressão habitacional significativa. Nesse contexto, a COHAB Bauru, direcionou seu foco para atender a essa demanda, lançando seu primeiro empreendimento justamente em 1968. Tal empreendimento segundo Ghirardello (2020) posicionado de forma estratégica ao lado do Distrito Industrial I. Tendo uma correlação direta com o posicionamento da mão de obra, próxima a necessidade dela.



O aspecto mais instigante na concepção mencionada é que, diante de uma demanda crescente por moradias e considerando que a COHAB Bauru, como qualquer empresa, buscava a obtenção de lucros, causa estranhamento o fato de que, em seu primeiro projeto, tenha destinado aproximadamente metade da área total, para praças e espaços de convivência como pode ser visto no (Quadro 1). Tal decisão contraria, em princípio, a lógica capitalista de maximização da área vendável e, consequentemente, da rentabilidade.

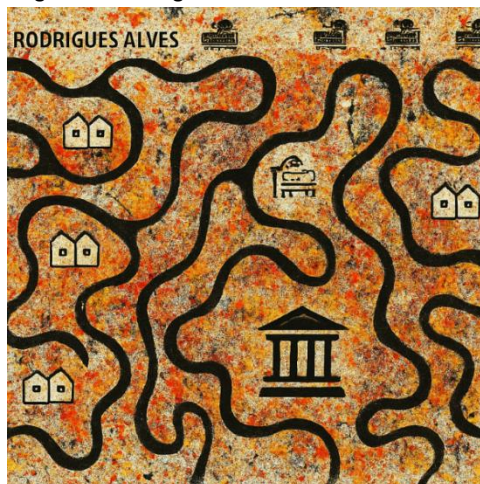
Pode-se afirmar que, embora a autoria do projeto do Jardim Redentor I permaneça desconhecida, é perceptível a influência dos conceitos desenvolvidos por Alison e Peter Smithson, ou, ao menos, que há uma notável convergência de ideias e princípios. Partindo do pressuposto de que um projeto inspirado na noção de *cluster city* deve incorporar os cinco conceitos básicos, *padrão de associação, identidade, crescimento, mobilidade e cluster*, a análise consiste em identificar semelhanças e eventuais divergências que possam validar essa hipótese.

Um dos elementos centrais é a rua concebida como espaço de atividades cotidianas, interação social e formação de identidade comunitária. No Jardim Redentor, as ruas são propositalmente estreitas, o que restringe o trânsito veicular intenso e favorece o contato entre vizinhos. Além disso, o projeto intencionalmente cria espaços internos vazios, que funcionam como praças, promovendo a ampliação da ideia de rua para além de sua dimensão física linear. Essas praças e as ruas que as circundam tornam-se locais de convivência diária, onde crianças brincam e moradores interagem, gerando, por si só, a identidade dessas pequenas comunidades.

Do ponto de vista morfológico, cada praça é delimitada por quatro quadras posicionadas nos pontos cardeais. As habitações situadas nessas quadras são tipologicamente casas geminadas, configurando uma referência clara aos bairros operários brasileiros, historicamente localizados próximos às fábricas e compostos por casas geminadas destinadas aos trabalhadores. Para além da carga histórica, esse arranjo espacial contribui para o fortalecimento da identidade local. Segundo Alison e Peter Smithson (1968), conjuntos habitacionais antigos exibem certa identidade, porém essa é ainda mais pronunciada em habitações geminadas em bairros residenciais.

Dessa forma, cada unidade perceptível dentro das quadras integra um todo associado, formando uma hierarquia em que as casas geminadas possuem identidade própria, mas pertencem simultaneamente a um conjunto maior, as ruas de casas geminadas que circundam uma praça. Essas, por sua vez, integram a quadra, que se expande para abranger o conjunto habitacional, mantendo a coesão e a identidade em múltiplos níveis, mesmo em uma sociedade móvel e em constante transformação. Para ilustrar essa hierarquia de elementos, elaborou-se o (Diagrama 2).

Diagrama 2 – Diagrama de elementos associados.



Fonte: elaborado pelo autor, editado pelo Chatgpt, (2025).

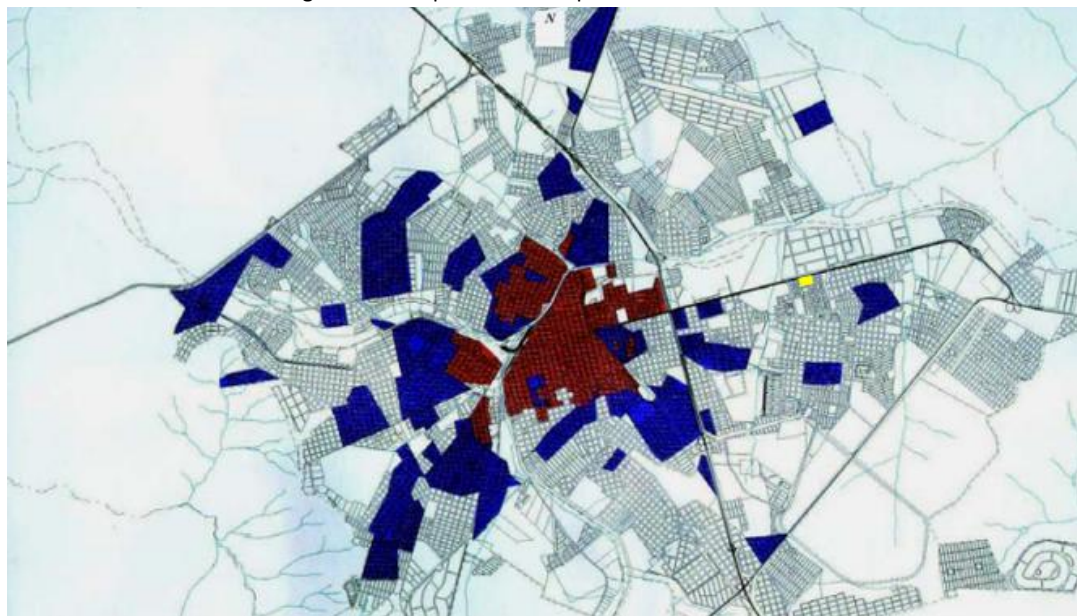
O diagrama apresentado foi elaborado com base no desenho urbano do Jardim Redentor I, nas obras do expressionismo abstrato norte-americano de Jackson Pollock e na reflexão de Alison e Peter Smithson (1968) de que, para entender a obra é necessário olhar o sistema todo, onde cada parte do todo corresponde a um novo sistema, o que sustenta a ideia de que para cada forma dessa hierarquia de associação existe um modelo inerente base. Corroborando essa perspectiva, Montaner (2001) afirma que, no início dos anos 1950, era fundamental analisar as pinturas de Pollock para captar um sistema completo de imagens, com uma ordem e estrutura em que cada parte correspondesse um novo sistema de associações.

O diagrama procura representar esse princípio: cada espaço vazio, formado entre o emaranhado de linhas pretas, simboliza uma comunidade por si só, dotada de identidade própria com suas cores e características, enquanto as linhas pretas, representam as ruas, locais de encontro e atividades cotidianas, onde conectam essas pequenas unidades, integrando-as em um todo maior, o bairro Jardim Redentor. Este, por sua vez, poderia se expandir além dos limites da imagem, formando múltiplas unidades associadas que crescem na malha urbana, gerando escalas maiores de atividades cotidianas que por sua vez consolidam a identidade da comunidade final a cidade em si.

Esses edifícios interligados e os complexos sistemas de inter-relação social podem ser interrompidos caso o espaço se torne fechado e isolado, como quando um conjunto habitacional é circundado por uma rodovia ou por condomínios fechados com muros elevados. Tal situação comprometeria a ideia de um sistema aberto e em expansão constante, capaz de se adaptar às mudanças e às interações ao longo do tempo. Portanto, o modelo pelo qual cada nova parte do conjunto deve ser organizada precisa necessariamente ter significado dentro do complexo como um todo.

Essa lógica está evidente no próprio projeto do Jardim Redentor I (Figura 2), onde quadras maiores e menores foram incorporadas: algumas destinadas a espaços públicos para a comunidade, outras, menores, destinadas a áreas comerciais. Mesmo com essas variações de escala, o conjunto mantém sua identidade coesa.

Figura 03 – Mapa de área ocupada de Bauru em 1960



Fonte: Seplan – Plano Diretor de Bauru, 1996, retirado da dissertação de JC Rocha, 2008, (editado pelo autor, 2025).

Por fim, o conceito de mobilidade aparece como elemento fundamental para que essas complexas associações possam formar uma comunidade coesa. Na época de seu lançamento, o Jardim Redentor I estava situado em uma área geograficamente isolada. Localizava-se a leste da cidade, onde a Rodovia Marechal Rondon se comportava como uma forte barreira física à expansão urbana (Figura 3). Na imagem, o Jardim Redentor I está destacado em amarelo, o centro consolidado da cidade em vermelho, e os loteamentos dispersos em azul, evidenciando a distância física entre o conjunto habitacional da COHAB Bauru e as infraestruturas urbanas consolidadas.

Portanto, mesmo diante dessas barreiras geográficas, a coesão social da comunidade prevaleceu, resultado tanto do mérito próprio dos moradores quanto das estratégias projetuais adotadas, que favoreceram a criação de identidade entre os habitantes e reduziram a necessidade de deslocamento até o centro da cidade. Como mencionado anteriormente, o próprio projeto contemplava a inserção de espaços comerciais, escolas e outras infraestruturas essenciais para o cotidiano da comunidade.

4 CONCLUSÃO

Assim, o Jardim Redentor I incorpora plenamente os cinco conceitos fundamentais da *cluster city*, identidade, associação, mobilidade, crescimento e cluster, além de elementos específicos como padrão de associação, hierarquia de associação e a rua enquanto espaço de atividades cotidianas. Cabe no transcorrer da pesquisa, verificar se ao autor, ou autores, eram conscientemente adeptos às diretrizes debatidas no Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM X), organizado pelo grupo Team 10 de 1956. É evidente que a lógica tradicional da cidade funcional, baseada nas funções de trabalhar, habitar, recrear e circular, é substituída por esse novo paradigma, no qual a identidade comunitária prevalece sobre a mera funcionalidade.



Dois anos após o lançamento do Jardim Redentor I, a COHAB Bauru apresenta o Jardim Nova Esperança I, em 1970. Embora próximos no tempo, esses dois conjuntos habitacionais apresentam diferenças significativas em sua configuração urbana e tipologia residencial. Enquanto o primeiro privilegia a construção da identidade e as relações interpessoais, valorizando a interação cotidiana e o senso de pertencimento a um todo maior, o segundo enfatiza a funcionalidade e a maximização de número de lotes.

O Jardim Nova Esperança I e os outros conjuntos habitacionais lançados, adotam um padrão funcionalista, com ruas largas que privilegiam o automóvel, organizadas ao longo de um eixo central que se ramifica em quadras retilíneas e alongadas, destinadas a maximizar o número de unidades habitacionais. Reforçando a concepção Moderna de cidade segmentada em funções de habitar, trabalhar, circular e recrear. Esse modelo genérico de bairro poderia ser aplicado em qualquer cidade do mundo, independentemente da história ou da identidade local, exatamente o tipo de abordagem que o casal Smithson e o Team 10 criticaram veementemente.

Portanto, pode-se afirmar que o Jardim Redentor I fundamenta-se em conceitos orientados para a construção da comunidade, enquanto o Jardim Nova Esperança e os próximos empreendimentos privilegiam a maximização do número de lotes e a transformação do espaço em mercadoria. Em um intervalo de apenas dois anos, esses projetos se diferenciam em praticamente todos os aspectos, reforçando a hipótese de que um autor visionário, familiarizado com os debates europeus da época, introduziu em Bauru uma nova abordagem para a criação de uma comunidade. Alternativamente, é possível que a própria COHAB Bauru tenha utilizado seus dois primeiros conjuntos habitacionais como campos de experimentação, buscando identificar qual modelo apresentaria melhores resultados para o futuro.

De toda forma, a única conclusão segura é que, dos 27 conjuntos habitacionais lançados pela COHAB Bauru entre 1968 e 1996, totalizando 15420 unidades residenciais, apenas dois seguiram o modelo do Jardim Redentor I, representados pelas continuações diretas do conjunto original, denominadas Jardim Redentor II e III. Ou seja, independentemente de o Jardim Redentor I ser ou não um verdadeiro *cluster*, o modelo que prioriza o lucro em detrimento da identidade foi o que efetivamente se consolidou no Brasil. O Jardim Redentor permanece como um exemplo isolado, fruto de um autor desconhecido, que se deteriora com o tempo, mas que, até os dias atuais, ainda permite que se caminhe por suas ruas, com crianças brincando, pessoas passeando e vizinhos conversando, pois, essa é a expressão viva da identidade dessa comunidade.

REFERÊNCIAS

BANHAM, Reyner. **Teoria e projeto na primeira era da máquina**. Perspectiva, 2003.

CABRAL, CLÁUDIA P.C. **A Cidade Vertical: Conjunto Habitacional Rioja**, Buenos Aires, 1968-1973. In: ARQTEXTO número 12. Porto Alegre. 2009.

CURTIS, William J.R. **Arquitetura Moderna Desde 1900**. Tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2008.

DE AMORIM, Mariana Souza Pires. **O Novo Brutalismo de Alison e Peter Smithson Em Busca da Ordem Espontânea da Vida**. 2008. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

EISENMAN, P. **Robin Hood Gardens E14**. ARCHITECTURAL DESIGN. London, Número 9, setembro de 1972



GHIRARDELLO, Nilson. **Bauru em temas urbanos**. Editora ANAP, 2020.

DAVI, Laura Mardini. **Alison e Peter Smithson: uma arquitetura da realidade**. 2009.

LEWIS, John. **Urban Structuring Studies of Alison & Peter Smithson**. London : Studio Vista, 1987.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX**. Gustavo Gili, 2001.

MUMFORD, Eric. **The Cíam Discourse on Urbanism, 1928-1960**. Cambridge, Mass.: Mit Press, 2002.

SMITHSON, ALISON E PETER. **Ordinariness and Light Urban Theories 1952-1960 and Their Application in a Building Project 1963-1970**. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 1970.

SMITHSON, Alison; SMITHSON, Peter. **Urban structuring**. London: Studio Vista, 1967.

SMITHSON, Alison e Peter. **Scatter. Architectural Design**. London, número 4, abril de 1959.



DECLARAÇÕES

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Ao descrever a participação de cada autor no manuscrito, utilize os seguintes critérios:

- **Concepção e Design do Estudo:** Mestrando Gabriel Oscalices e Professor Doutor Nilson Ghirardello.
 - **Curadoria de Dados:** Mestrando Gabriel Oscalices.
 - **Análise Formal:** Mestrando Gabriel Oscalices.
 - **Aquisição de Financiamento:** Mestrando Gabriel Oscalices e Professor Doutor Nilson Ghirardello.
 - **Investigação:** Mestrando Gabriel Oscalices.
 - **Metodologia:** Mestrando Gabriel Oscalices.
 - **Redação - Rascunho Inicial:** Mestrando Gabriel Oscalices.
 - **Redação - Revisão Crítica:** Professor Doutor Nilson Ghirardello
 - **Revisão e Edição Final:** Mestrando Gabriel Oscalices e Professor Doutor Nilson Ghirardello.
 - **Supervisão:** Professor Doutor Nilson Ghirardello.
-

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

Nós, mestrando **Gabriel Henrique Oscalices** e orientador **Prof. Dr Nilson Ghirardello**, declaramos que o manuscrito intitulado “Conjunto habitacional Jardim Redentor em Bauru, um possível exemplo de Cluster”.

1. **Vínculos Financeiros:** Não possuímos vínculos financeiros que possam influenciar os resultados ou interpretação do trabalho. “Nenhuma instituição ou entidade financiadora esteve envolvida no desenvolvimento deste estudo”.
 2. **Relações Profissionais:** Não possuímos relações profissionais que possam impactar na análise, interpretação ou apresentação dos resultados. Nenhuma relação profissional relevante ao conteúdo deste manuscrito foi estabelecida.
 3. **Conflitos Pessoais:** Não possuímos conflitos de interesse pessoais relacionados ao conteúdo do manuscrito. Nenhum conflito pessoal relacionado ao conteúdo foi identificado.
-